

Folha de S. Paulo

14/7/1986

Testemunhas desmentem depoimento na polícia sobre a origem do tiroteio

Tadeu Afonso

Enviado especial a Leme

Duas outras testemunhas — João Henrique Cafasso, motorista da fazenda Crisciumal, e Ovilso Santos, encarregado de transportes — desmentiram, o primeiro no sábado às 20h e o outro ontem às 11h, seus próprios depoimentos dados sexta-feira à polícia de Leme, nos quais afirmaram que foi do Opala do Partido dos Trabalhadores que partiram os primeiros tiros no conflito da manhã daquele dia. Em conversa amistosa com jornalistas e com o deputado Eduardo Suplicy, virtual candidato do PT ao governo de São Paulo, Cafasso afirma que só viu "um Opala azul passar pela frente do ônibus", e que "não deu para ver de onde vinham os tiros". Quando Suplicy lhe perguntou porque suas declarações contrastavam com o depoimento que prestara sexta-feira à polícia, Cafasso respondeu: "Um pouco que a gente falava, eles escreviam bastante".

Santos, de sua parte, disse à Folha que "não sabe" de onde partiram os tiros. Na polícia, ele havia dito que não podia informar quantos tiros tinham sido disparados por pessoas que se encontravam dentro do Opala. "Não acho que o PT seja o culpado", afirmou. No entanto, no seu depoimento à polícia Ovilson culpou o PT.

Cafasso

Cafasso admitiu, na noite de sábado, que não lera o depoimento que fizera na polícia. Na manhã de ontem, o delegado Dias Costa explicou que o Código Penal não exige que seja lido esse tipo de depoimento para as testemunhas. Cafasso havia se comprometido também a comparecer ontem na delegacia de Leme, junto com Suplicy, para retificar o seu depoimento. Mas, quando o parlamentar passou em sua casa para apanhá-lo, ontem de manhã, Cafasso tinha sumido junto com a família. Suplicy manifestou sua estranheza pelo desaparecimento do motorista ao delegado João Batista Dias Costa. Este explicou que o motorista havia procurado sua delegacia, por volta de 22h, "muito preocupado" com as declarações que fizera ao deputado. Disse que tinha falado "toda a verdade" e que "ia sumir".

Na conversa com Suplicy, Cafasso afirmou que o ônibus já estava parado, por causa das pedras, quando um Opala azul de placas amarelas passou por ele. Pôde ver só isso porque, segundo ele, logo se deitou no chão do ônibus, que estava sendo apedrejado. E nem pôde dizer quem estava dentro do carro. "O povo todo se deitou no ônibus. A polícia, mais depressa ainda". Dentro do veículo, segundo ele, havia três PMs. Cafasso disse que ouviu dois tiros, um dos quais teria atingido o pára-brisa esquerdo do ônibus. E garantiu que o Opala não havia fechado o veículo.

Nas declarações à polícia, o motorista da fazenda Crisciumal dissera que o Opala tinha até maçanetas cromadas, havendo três ou quatro pessoas no seu interior. Afirmara também que o carro havia parado na frente do ônibus, e que uma pessoa dentro do Opala fez dois disparos contra o veículo. Um deles teria atingido um vidro dianteiro, e o outro a grade dianteira.

Ovilson explicou à Folha que havia "muita fumaça" no local do tiroteio, por causa das bombas de gás lacrimogênio. Confirmou que o carro do PT passou pela esquerda do ônibus "e, neste momento, começou o tiroteio". O encarregado de transportes só garantiu que o tiroteio começou quando o carro passou pelo ônibus.

"O motivo do tiroteio pode ter sido outro", afirmou. "Não tenho certeza de quem começou". Segundo suas declarações à polícia, mostradas ontem pelo delegado Dias Costas, "o causador de todo o tumulto foi o Opala, pois nos outros dias nada houve e bem no momento em que o mesmo passava pelo local é que começou todo o tumulto, inclusive o tiroteio".

(Primeiro Caderno — Página 6)